

O Anjo Marmanjo: Chocolatices e algumas Chatices

Isabel Pereira Leite
Ilustração de Niurka Bou

O Anjo Marmanjo desceu à cidade. Era 5ª feira, um dia que não é isto, nem aquilo, antes pelo contrário!



Apetecia-lhe não ter que fazer, mas logo ouviu alguém ao lado, em voz alta “Ah! Marmanjo! Deixa estar que já te digo!” Seria possível que até ali, naquele lugar de ninguém em especial, alguém o conhecesse?!!!

Olhou melhor... Não parecia ser para ele que o homenzinho de avental e mãos na cintura falava. Mas Marmanjo, o nome que o Grande Jardineiro lhe tinha dado quando, anos antes, o tinha encarregado de fazer a marmelada, não podia ser o nome de mais ninguém. Todavia, continuava a ouvi-lo, atarantado e levemente inquieto. “Ah! Marmanjo, que vais pagá-las e não perdes pela demora!”

Ora, pelos vistos estava o dito em apuros e a tentar escapar. “Que fazer?”, pensava Marmanjo. “Agir era preciso, mas de que forma?”

Nisto, como um raio, afogueado, passa um pequeno, cor de chocolate, caracóis à farta e olhos vivos. No intuito de escapar nem viu Marmanjo, o Anjo de tez dourada e faces cor de pêssego sumarento. Tropeçou o rapaz na casca de banana que Marmanjo, distraído, tinha deixado cair no chão; sendo biodegradável, o mal não era grande...é comum escorregar numa casca de banana; foi para isso que foram feitas, para atralhar quem não pode perder tempo!

De facto, o tempo estava a acabar para o rapaz que se queria ver a milhas. O homem, vermelho como um tomate, um pimento ou tanto faz, agarrou-o pelas alças dos calções, arrastando-o atrás de si. “Ah! Marmanjo, que te apanhei! Devolve-me já os chocolates, estás a ouvir?”

“Então era isso! O rapazito tinha ido aos chocolates! “Grande crime!!!”, pensou Marmanjo. “Até parece que ir à caça de chocolates é condenável! Há cada uma!” “Como remediar a situação? Que hei-de fazer?”, perguntava Marmanjo aos seus botões.

Confundir o pasteleiro, enfim, dar-lhe um nó nos neurónios e, num passe de magia, fazê-lo esquecer-se do que acabava de se passar? Marmanjo tinha poderes para isso... Mas chocolates, chocalinhos, daqueles que se derretem na boca, aromáticos, refinados, de mil formatos e saborosas misturas, levar alguém a esquecer-se da existência de um tal tesouro seria uma rematada tolice!

Está visto que mesmo a melhor marmelada do Paraíso não era nada, comparada com tais preciosidades. Marmanjo, aliás, duvidava que houvesse algum *maître chocolatier* lá por cima. Se isso era verdade, estava-se perante um impasse: aquele era o momento perfeito para convencer a vítima das

vantagens de largar o atrevido e de a fazer ver que não se persegue quem revela bom gosto, mas se era preciso esquecer a afronta, para que tal fosse possível, corria-se o seriíssimo risco de esquecer também o segredo daquela apuradíssima criação! E o rapaz, que fazer com ele? Deixar que fugisse de bolsos bem cheios sem ao menos partilhar coisinha que se visse com Marmanjo? Havia que decidir rapidamente!

E ser guloso, era pecado? Marmanjo já não se lembrava: A cabeça, confusa como nunca, estava feita em marmelada. Acrescente-se, já agora, um travo de *chocolat fondant* e uma ginja! “Ah! Senhor, Senhor, que vim eu fazer cá baixo? Estavam-se a esgotar os marmelos no Jardim das Delícias? Mas quais delícias, quais quê?! Afinal, no mundo do lado de cá, outras delícias bem mais tentadoras inspiram homens e crianças!”

Marmanjo tentava pensar rapidamente, o que, no caso, significava pensar por partes: Marmelada ou chocolate? Chocolate, decididamente, até porque já estava um pouco cansado daquela marmelada toda lá em cima! E o crime, compensa ou não? Tudo depende da ocasião e a ocasião faz o ladrão, pois se ele próprio sentia ímpetos de deitar a mão a uns tantos chocolates! “É verdade, “ladrão que rouba a ladrão tem cem anos de perdão!”, estou safo! E agora, esta história de safar o miúdo da alhada em que se meteu?”

Aí, como alguém que divagasse, Marmanjo sentiu-se titubear... Onde é que já tinha visto aquela cara cor de chocolate, aqueles caracóis negros e aqueles olhos brilhantes em forma de avelã? Aquele sorriso maroto não lhe era, de todo, estranho! “Santo Deus, vá lá, que hei-de eu fazer?”

Foi nesse momento que tudo se tornou claro. Foi como se o tempo cósmico se revelasse e o hoje fosse ontem. Aquele miúdo atrevido e guloso era Marmanjo, muito antes de o Grande Jardineiro o ter feito dar uma grande volta à vida! A correria desenfreada, com os bolsos cheios de chocolates, a casca de banana no chão, o monumental estatelão e a pressão nas alças dos calções, faziam parte de um episódio longínquo, do tempo em que achava que valia a pena o desafio e asneirar, porque nada podia ser demasiado sério!

Ah! pois não! De um momento para o outro fez-se luz e Marmanjo percebeu tudo, sem mesmo hesitar: por essa, e por outras semelhantes, tinha sido remetido a *maître confiseur* sim, mas de ladrilhos de marmelada, e, embora fosse um dos preferidos do Pasteleiro-Mor, nunca mais tinha cheirado chocolate...